

O processo de hibridação cultural: prós e contras

Leila Lima de SOUSA¹

Resumo

Nos dias atuais, marcados pela instantaneidade das trocas de informação possibilitadas pela intensificação da globalização e a propagação em escala global dos meios de comunicação de massa, vivencia-se um forte processo de hibridização cultural. Entende-se por hibridismo cultural, o processo de “mistura”, junção de diferentes matrizes culturais. Neste artigo têm-se como cerne principal discorrer sobre as interpretações de autores como Bhabha, Canclini e Hall sobre a temática do hibridismo cultural. Conclui-se que o hibridismo cultural possui aspectos positivos e negativos e nenhum destes pontos, pode ser tomado em sua totalidade como definidor do conceito. Ao tempo em que faz-se repensar na validade de perpetuação de antigas matrizes culturais correndo o risco de apagar determinadas tradições, ele traz de positivo o fato de possibilitar uma abertura tolerância às diferenças culturais.

Palavras- chave: Cultura. Hibridismo cultural. Contemporaneidade.

Introdução

Este estudo procura reunir evidências sobre o processo de hibridismo cultural. A discussão aqui exposta é fundamentada no que seria o hibridismo cultural e como ele se configuraria nas sociedades contemporâneas traçando um paralelo dos estudos de Canclini e a visão de outros autores que também se propuseram a estudar o tema. Na discussão são apontados pontos negativos e positivos percebidos pelos autores citados em referência à temática.

O trabalho tem como metodologia a revisão bibliográfica dos estudos sobre hibridismo cultural de autores como Canclini(2011), Homi Bhabha(2010) e Stuart Hall(2003). No primeiro momento do texto, é exposto o modelo de hibridismo cultural apresentado por Canclini e, de forma breve, demonstra-se como os autores Homi Bhabha e Stuart Hall também pensaram o hibridismo cultural. No segundo momento,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí. Pesquisadora de mídia e produção de subjetividades. E-mail: leilasousa.pi@gmail.com

são apontados os traços positivos e negativos identificados por cada autor em relação à temática e por fim, são apresentadas as conclusões do trabalho.

1 O hibridismo cultural em Canclini: a arte Latino-Americana em evidência

Canclini (2011) é pioneiro ao pensar o conceito de hibridismo cultural sob um viés político que se estabelece por meio de interações entre as culturas de elite e indígena. Para o autor, o processo de hibridação garantiria a sobrevivência da cultura indígena e levaria a um processo de modernização da cultura de elite. O hibridismo cultural, para o autor, traz consigo a ruptura da ideia de pureza. É uma prática multicultural, possibilitada pelo encontro de diferentes culturas. Processo analisado pelo autor, nos movimentos artísticos verificados na América Latina.

Na discussão sobre as culturas híbridas do continente Latino-Americano, Canclini (2011, p. 284) propõe pensar em estratégias que permitiram a entrada e a possibilitem a saída da modernidade, já que nesse continente, o processo de modernização se deu de forma tardia e em meio à inexistência de uma política reguladora que fundamentasse os princípios da modernidade. Nesse sentido são apontados pelo autor, dois processos principais que, segundo ele, possibilitaram a desarticulação cultural na América Latina, são eles: o **descolecionamento** e a **desterritorialização**. Ambos processos foram fundamentais para a expansão dos **gêneros impuros**, que de acordo com o autor, são a expressão máxima do hibridismo cultural, como veremos adiante.

O **descolecionamento** dá sentido, sobretudo, ao fim da produção de bens culturais colecionáveis resultando na quebra de divisões entre cultura elitista, popular e massiva. O descolecionamento seria possibilitado pelo uso de recursos tecnológicos como a *fotocopiadora*, o *videocassete* e o *video game*, que destituiriam as referências que ancoravam o sentido das coleções. Eles permitem que um bem cultural seja reproduzido e disponibilizado mais facilmente para a população.

Já o processo de **desterritorialização**, segundo fator responsável pela desarticulação cultural na América Latina, não é entendido, conforme tensiona Canclini (2011), tendo como ponto de alicerce apenas as questões geográficas. Ele é fundamentado, sobretudo, através da transnacionalização dos mercados simbólicos, ocasionada pela descentralização das empresas e a disseminação dos produtos pela

eletrônica e telemática². O autor cita nesse processo também, as migrações multidirecionais, referindo-se à experiência diaspórica.

Canclini (2011) tem como objeto de análise, os conflitos interculturais em Tijuana, fronteira entre o México e os Estados Unidos. Para ele, tem ocorrido, graças a essas migrações, uma “implosão do terceiro mundo no primeiro” (CANCLINI, 2011, p. 314) expondo que os países de primeiro mundo também tem sido fortemente influenciados pela produção de bens simbólicos Latino-Americanos. Propõe que as migrações deste continente para os Estados Unidos tem dado vida a uma produção cultural muito dinâmica.

Os processos de **descolecionamento** e **desterritorialização** são responsáveis, na América Latina, pela **expansão dos gêneros impuros**, que possibilitariam a entrada e a saída da modernidade e que refletem o contexto de hibridismo cultural. Canclini (2011, p. 336 - 339) cita dois modos de fazer arte e literatura que falam por si só no tocante à quebra de divisões e no enaltecimento de narrativas híbridas, são eles: o grafite e os quadrinhos. Os dois não tem uma definição categórica entre culto, popular, massivo, são definidos como gêneros impuros. O que se sabe é que eles perpassam por todas essas categorias num modo próprio de contar a pós-modernidade.

García Canclini(2011) faz parecer que observa o hibridismo através de um prisma positivo que se fundamenta, sobretudo, no multiculturalismo como um espaço que possibilita o diálogo entre as culturas, um fator novo que resulta do embate entre duas culturas diferentes. O hibridismo visto sob o prisma do autor abriria espaço também a uma espécie de tolerância às diferenças culturais. No entanto, traçamos um paralelo do pensamento do autor e as contribuições trazidas por Linda Hutcheon(1991), no livro **“Poética do pós-modernismo”** para entender que esse processo, é também, contraditório.

Canclini (2011, p. 348) salienta que as culturas pós-modernas podem ser ditas de fronteiras. São resultantes do contato com o “outro” e decorrentes dos deslocamentos de bens simbólicos. O autor vê o hibridismo como um processo multicultural, de diálogo entre diversas culturas. A cultura é vista como algo não mais genuíno, mas sim,

²As grandes empresas tem sede em vários Países e os produtos são consumidos numa escala global. Nesse sentido é validado o termo “glocalização” (Castells, 2003). Ao se inserirem em determinada lugar, as empresas vendem o produto que é consumido globalmente, mas focam-se em características locais, na valorização de identidades.

e muitas vezes, como algo representado. O que existe hoje, para o autor, é o simulacro como marca cultural.

Hutcheon (1991, p. 30) chama atenção para o fato de que as culturas pós-modernas, essencialmente híbridas, possibilitariam a contestação do discurso dominante na construção de novos discursos, descentralizados, fundamentados no contexto multicultural. Mas também aponta que essa reorganização cultural é fundamentada e possibilitada pela uniformização do consumo, ocasionando ganhos e fortalecendo a política capitalista e os grandes conglomerados empresariais, o que resulta, segundo ela, numa contradição.

A Cultura (com C maiúsculo, e no singular) se transformou em culturas (com c minúsculo, e no plural), como foi documentado com detalhe por nossos cientistas sociais. E isso parece estar ocorrendo apesar – e, eu afirmaria, talvez até por causa – do impulso homogeneizante da sociedade de consumo do capitalismo recente: mais uma contradição pós-moderna. (HUTCHEON, 1991, p. 30)

As culturas hoje se encontram mescladas, dialogam entre si e, para muitos estudiosos, têm se tornado homogeneizadas, recebendo assim, uma nova nomenclatura “culturas” não sendo mais possível referir-se a elas como uma coisa una, heterogênea. Este fator foi possibilitado pela intensificação do processo de globalização que proporcionou o encurtamento das distâncias e a propagação, em escala mundial, da narrativa dos meios de comunicação, grandes responsáveis por ligarem pessoas das mais diversas partes do mundo. Mas o fato é que essa homogeneização é possibilitada, principalmente, pela uniformização do consumo e por consequência, o imperialismo da cultura Norte Americana como modelo de vida.

2 O hibridismo cultural sob a visão de Hall e Bhabha

O hibridismo cultural é também objeto de estudo de autores como Stuart Hall(2003) e Homi Bhabha(2010). Ambos, em suas particularidades e objetos de estudo, partem da ideia do hibridismo como um processo marcado por ambivalência e antagonismos resultantes da negociação cultural. Negociações essas que tem como pano de fundo, relações assimétricas de poder e os atores envolvidos, encontram-se em posições de legitimidade distintas.

Bhabha (2010) fundamenta seus estudos no embate entre colonizadores e colonizados. Para o autor o hibridismo cultural é um processo “agonístico” e “antagonístico, resultante do conflito e da tensão da diferenciação cultural. O hibridismo em Bhabha funciona como uma ameaça à autoridade colonial. Resulta da contestação do discurso hegemônico dominante no qual a autoridade do colonizador é subvertida através da ironia do colonizado, que exige que suas diferenças culturais sejam observadas, produzindo assim, um discurso híbrido.

Homi Bhabha (2010) propõe que o hibridismo não resolve o embate e o processo de tensão entre duas culturas, não é um novo elemento que surge da junção entre duas matrizes culturais distintas, conforme vemos em Canclini (2011). O hibridismo seria sob esse viés, um processo resultante do choque, do embate, não se trata de um simples processo de adaptação e ressignificação cultural.

Para Stuart Hall (2003) tendo observado em seus estudos a experiência diaspórica vivenciada por Caribenhos rumo à Grã-Bretanha, a hibridização acontece no contexto da diáspora e no processo de **tradução cultural**³ que os indivíduos vivenciam para se adaptarem às matrizes culturais diferentes da sua de origem. Stuart Hall (2003) propõe que:

O hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade (HALL, 2003, p. 74).

Nesse contexto de análise, o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo reformulada, ressignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, permanecendo sua indecisão sobre qual matriz cultural o mais representa.

³Stuart Hall (2000) define como **tradução cultural**, o processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, vivenciado por pessoas que migraram de sua terra natal. Elas tem diante de si, uma cultura que não as assimila e, ao mesmo tempo, não perdem completamente suas identidades originárias. Mas precisam dialogar constantemente com as duas realidades. P. 88 e 89

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação. (Bhabha, 1997 *apud* Hall, 2003, p. 75).

No livro **“Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social”** Moscovici (2010) realiza um amplo debate sobre o que para nós é ou não familiar e os modos de dialogar com os dois conceitos em experiências de alteridade. Corroborando com Bhabha e Hall em situações de contato entre culturas diferentes e os embates da negociação cultural, o autor trata das dificuldades e as barreiras encontradas para tornar familiar, as práticas culturais dos indivíduos que não fazem parte de nossa vivência cultural.

O autor diz que a tensão entre familiar e não familiar sempre continuará existindo e nesses casos, valorizando-se o primeiro. Moscovici (2010, p. 56) salienta que os indivíduos de outras culturas são vistos como seres iguais a nós, mas que não são como nós. “Eles são percebidos, sem ser percebidos”. São ditos “sem cultura”, “bárbaros”, “irracionais”. Esses sujeitos nos “incomodam” e nos “pré-ocupam” por serem estranhos a nós (MOSCOVICI, 2010, p. 56):

O medo do que é estranho (ou dos estranhos) é profundamente arraigado (...) Fenômenos de pânico de multidões muitas vezes proveem da mesma causa e são expressos nos mesmos movimentos dramáticos de fuga e mal-estar. Isso se deve ao fato de que a ameaça de perder os marcos referenciais, de perder contato com o que propicia um sentido de continuidade, de compreensão mútua, é uma ameaça insuportável. E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que “não é exatamente” como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ele ameaça a ordem estabelecida (MOSCOVICI, 2010, p. 56).

3 Hibridismo Cultural: prós e contras

Hall (2003) e Bhabha (2010), conforme vimos, diferem em certa medida do modo como Canclini (2011) analisa o hibridismo. Ambos os autores, focam suas análises no processo de hibridismo que resulta do choque, do embate, mas que não traz consigo uma via de entendimento. O hibridismo também não seria responsável por

trazer ao sujeito uma sensação de completude, não seria simplesmente um processo de adaptação e readaptação às novas culturas e sim, um processo ferrenho de tradução cultural.

Trazendo à baila o modo como os três autores visualizam o modelo de hibridismo cultural, nos aproximamos de Canclini (2011) ao entender o processo de hibridização como multicultural e capaz de possibilitar o respeito, valorização e tolerância às diversidades culturais.

Mas também nos aproximamos das ideias apresentadas por Bhabha (2010) e Hall (2003) no sentido de verificar o hibridismo como um processo que resulta de embates e choques culturais. A hibridação cultural traz ao sujeito novas formas de significação que, muitas vezes, são totalmente opostas às suas matrizes culturais de origem, fato este que ocasiona no sujeito uma crise de identidade⁴. E ainda salientamos que não se deve esquecer que dentro do processo de hibridismo há também relações de controle e poder.

Considerações finais

O hibridismo pode funcionar como forma de conceder ainda mais poder às culturas hegemônicas. Por meio do “mascaramento” da quebra da divisão entre culturas dominantes e subalternas, consumiríamos ainda mais determinados produtos e sofreríamos a mesma imposição de bens culturais, só que agora, através do mascaramento de que determinados produtos não estariam nos sendo impostos, e sim, estaríamos adquirindo um bem que nos caracterizasse enquanto sujeitos híbridos. É o que acontece, por exemplo, com a influência sofrida pela cultura norte americana, como já foi mencionado neste texto. Para Mike Featherstone(1997), por meio do consumo de produtos como Coca-Cola, os filmes Hollywoodianos, o rock e a comida em formato fast- food(McDonald’s), estes ícones traduzem para a juventude, tal como propõe o autor, a boa forma física, a beleza, o luxo e se tornam o estereótipo de vida agradável, de um estilo de vida a ser seguido.

⁴Termo utilizado por Hall (2003) para caracterizar a contemporaneidade onde sujeito não mais se identifica com o que é preestabelecido socialmente como marca de sua identidade. Os sujeitos interagem com o mundo, e a partir de então constroem novos pontos de vista, novos modos de ver o mundo e o outro, a sociedade. P. 13-21

O alcance com que essas imagens e artefatos são exportados para o mundo inteiro tem sido visto por alguns como um indicador da homogeneização global da cultura, na qual a tradição dá lugar à cultura americana do consumo de massa. (FEATHERSTONE, 1997, p.24)

Mascarados também estariam os embates entre as culturas ditas “dominantes” e as “dominadas” nessa realidade híbrida, como se realmente fossem apagadas as realmente fossem apagadas estas divisões e estivéssemos vivenciando uma sociedade sem “colonizadores” e “colonizados”.

Depois de tudo o que foi levantado, considera-se que o hibridismo cultural possui aspectos positivos e negativos e nenhum destes pode ser tomado em sua totalidade como definidor do conceito. Ao tempo em que faz-se repensar na validade de perpetuação de antigas matrizes culturais correndo o risco de apagar determinadas tradições e que pode impulsionar um mascaramento do poder das culturas dominantes sobre culturas dominadas, ele traz de positivo o fato de possibilitar novos sentidos e significados para os discursos identitários, possibilitando uma abertura tolerância às diferenças culturais, como por exemplo, uma visão mais tolerante da cultura ocidental, antes vista com superioridade em relação à cultura oriental. Ambas as faces do hibridismo cultural fazem-se importantes, necessárias e válidas no processo de ligação e compreensão das relações sociais entre diferentes culturas.

Referências

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo, Studio Nobel: SESC, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro. Imago, 1991.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: vozes, 2010.